

O homem que está acima de toda a suspeita

é o mesmo que impingia como água medicinal a água inquinada da quinta de Monte Banzão, que possui ali para os lados de Sintra

Não admira que a assinatura de Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal, surja nos officios que encomendaram as notas clandestinas à casa Waterlow: não é a primeira vez, segundo as afirmações do sr. Alberto Xavier, director geral da Fazenda Pública, que o referido Banco põe notas falsas em circulação

O Inocêncio, sobre quem recaem neste momento as mais graves suspeitas, não tem coragem de demitir-se nem de pedir um inquérito rigoroso à sua vida vergonhosa!

Enquanto os políticos que vêm arrastando o país para a ruína e para a ignomínia meditam, planeiam a maneira mais prática, decisiva, de pôr sobre este escândalo da Angola e Metrópole a pedra do silêncio, apaz-nos mexer mais no assunto, aproveitar esta oportunidade única para fazer desfilhar perante o olhar indignado do público as misérias morais das criaturas «que estão acima de toda a suspeita».

Vimos afirmando desde o início dos nossos comentários aos factos sensacionais destes últimos tempos que os criminosos, os verdadeiros criminosos são precisamente as tais criaturas que a imprensa venal e os políticos corruptos pretendem salvar, apontando-os como «pessoas de cuja honorabilidade não se deve sequer duvidar».

Um dos indivíduos de «actos indiscutíveis» é o sr. Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal. O tom em que a ele se refere a grande imprensa faz-nos crer que Inocêncio ocupa neste país um lugar de semi-deus, em quem não é lícito tocar, e cujos direitos estão acima da própria Constituição da República.

Prende-se toda a gente, arrepressa-se para uma enxovia um qualquer, insultam-se criaturas de sómos importância, mas no sr. Inocêncio Camacho não se toca. Porque a honra do sr. Inocêncio está ligada ao crédito do país! Não admira, pois, que Portugal esteja tão desacreditado...

A vergonhosa atitude de Inocêncio perante as suspeitas que sobre ele recaem

Pouco nos importa a vida íntima das pessoas que criticamos, mas a sua vida pública, esmiuçamo-la, principalmente quando os actos dessas pessoas estão ligados aos interesses colectivos. E se essas pessoas, merecendo as mais ásperas censuras, são propiamente protegidas pelas autoridades, mais nos empenhamos em desmascará-las.

A campanha de sôrdido elogio feita em torno do governador do Banco de Portugal é tendente a criar um ídolo de lama. Inimigos de todos os ídolos—este não nos escapará.

O primeiro argumento de ordem moral que deixa bastante abalado o prestígio do sr. Inocêncio é a sua própria atitude perante as profundas suspeitas que sobre ele impendem neste tenebroso caso da Angola e Metrópole.

Surtem na imprensa documentos comprometedores, onde figura

a sua assinatura, que serviram de base à emissão clandestina das notas de quinhentos escudos.

E que faz o Inocêncio? Demite-se, pedindo um inquérito rigoroso aos seus actos? Não! Encosta-se cobardemente à defesa suspeita de criaturas que têm grande interesse em não o abater, contenta-se com os elogios mercenários à sua honorabilidade; murmura umas débeis desculpas, afirmando que a sua assinatura é falsificada.

Perante a pressa que o sr. Inocêncio se deu em trocar as notas de quinhentos escudos de «Vasco da Gama» a opinião pública teve a intuição da verdade: o Banco de Portugal está comprometido na falsificação.

Que faz o governador do Banco perante essa suspeita? Assume uma atitude de brio, demitindo-se desse lugar de responsabilidade? Coloca-se à disposição da polícia para fácil esclarecimento da verdade? Não! Queixa-se de que o prenderam, arri-ma-se ao amparo ignominioso da imprensa de negócios, sujeita-se à vergonha de que a opinião pública em conversas particulares e a imprensa desassombrada duvidem cada vez mais da sua problemática honestidade.

Quando se grita em todos os tons que o governador do Banco de Portugal é uma criatura mais do que suspeita—perigosa aos interesses do país, o acusado encolhe-se, roe as acusações em silêncio, torce-se na concha do Banco, mas não abandona, não proclama a sua inocência, não se revolta contra os que o acusam, não os processa, não reage, não reclama que lhe examinem os seus actos, a sua vida pública—não se defende!

Abandona-se à imoral corrente de interesses que pretende poupar-lo, entregando-se confiante à força da corrupção que, por conveniência própria, deseja mantê-lo naquele cargo de confiança.

O passado de Inocêncio confirma o presente

E quem é este Inocêncio Camacho? Quem vem a ser, afinal, esta vestal isenta de mácula, que está acima de todas as suspeitas? Quem é o governador do Banco de Portugal?

E' aquele cavalheiro de indústria que impingia ao público as águas inquinadas da quinta de Monte Banzão que possui ali para os lados de Sintra. O sr. Aquiles Machado que analisou essas águas sabe muito bem quanto prejudiciais eram à saúde dos pobres consumidores que, fiados nos réclames, as julgavam medicinais e as pagavam mais caras.

Este homem que não hesitou em lesar conscientemente o pú-

blico, constituído por criaturas doentes, pode estar acima de toda a suspeita?

Um homem que mistura em águas inquinadas um preparado químico qualquer para fazê-las passar por águas medicinais; não será capaz de preparar, só ou com a cumplicidade de algum, uma emissão clandestina de notas de 500 e de 1.000 escudos?

Que respeito devemos a uma criatura que nesse reles negócio das águas se provou ser um burlão? Que confiança podemos nós ter no Banco de Portugal quando lá se encontra como governador um burlão, provavelmente burlão?

Alberto Xavier acusa o Banco de Portugal de emitir notas falsas

As emissões clandestinas de notas do Banco de Portugal não são no nosso país um caso virgem. Não é a primeira vez que, com a responsabilidade do sr. Inocêncio Camacho, se põe moeda falsa em circulação.

Não somos nós quem faz estas afirmações. São criaturas de responsabilidade como o sr. Alberto Xavier, director geral da Fazenda Pública a quem compete, segundo o decreto n.º 9.418, de 11 de Fevereiro de 1924, representar o Estado no conselho fiscal do Banco.

E, a propósito, transcrevemos desse decreto o seu art. 7.º, que reza assim:

«O director geral da Fazenda Pública será o representante do Estado no conselho fiscal do Banco de Portugal, sem direito a qualquer espécie de remuneração paga, seja pelo cofre do Tesouro ou desse Banco».

Pois o sr. director geral da Fazenda Pública afirmou em pleno Parlamento que o Banco de Portugal, fazendo emissões clandestinas, fabricava moeda falsa.

Desse discurso permitimo-nos transcrever alguns trechos elucidativos:

«Quando alguém, seja quem for, salvo o Banco de Portugal, emite notas representativas de ouro e de prata, comete um crime para o qual a legislação penal estabelece sanções severas.

Se o próprio Banco de Portugal emitir notas sem autorização legal clara e inofensiva, este facto envolverá responsabilidade criminal para os seus dirigentes e executores. Não há diferenças na situação jurídica que é absolutamente idêntica.

Sr. presidente: nas sessões desta Câmara de 24 e 25 de No-

vembro um vivo e sensacional debate se produziu e que causou profunda emoção em todo o país.

V. ex.ª deve recordar-se bem.

O governo que se encontrava no poder e que era chefiado pelo ilustre deputado sr. Alvaro de Castro, sendo ministro das Finanças o ilustre deputado sr. Cunha Leal, viu-se obrigado a denunciar a existência de portarias secretas autorizando o Banco de Portugal a emitir notas além dos limites.

O assunto foi objecto de larga discussão.

Verificou-se que um dos autores das portarias secretas fôra o antigo ministro das Finanças, o sr. António Maria da Silva.

Ora, sr. presidente, as notas emitidas por virtude das portarias secretas eram manifestamente notas ilegais, notas falsas que foram depois legalizadas.

A cumplicidade do Banco de Portugal nesse acto ilegal é igualmente manifesta. A responsabilidade de ambas as entidades (o Banco e o governo) não tem atenuantes.

O sr. Alberto Xavier que sobre este assunto mantém agora um silêncio prudente, e que considera o sr. Inocêncio Camacho uma criatura insuspeita, por pouco não pedia a cadeia, a penitenciaría, o degredo para os criminosos.

Ora se, como muito bem afirma o sr. Xavier, director geral da Fazenda Pública, o Banco de Portugal tem por várias vezes posto notas falsas em circulação; porque não havemos de suspeitar dos dirigentes do Banco de Portugal neste caso das notas de quinhentos escudos?

Porque não há de ser verdadeiras as assinaturas do sr. Inocêncio Camacho, e de outras «criaturas insuspeitas» que figuram nos contratos, nos officios que encomendam as notas à casa Waterlow?

Depreende-se que o Banco de Portugal mandou fazer as notas; que Inocêncio se misturou com os da Angola e Metrópole para passá-las; que o Banco de Portugal trocou por notas falsas de 1.000 escudos as notas falsas de 500 escudos que estavam em circulação; que altas influências arredando Pinto de Magalhães das investigações pretendem abafar o escândalo para salvar as pessoas «insuspeitas» nele envolvidas.

Por enquanto isto, que não é pouco. Mas se começássemos a examinar, verba pro verba, negócio pro negócio, a vida do Banco de Portugal, a história porca, vergonhosa das «pessoas insuspeitas» encheria de horror os maiores criminosos!

O CONGRESSO DO PROFESSORADO PRIMÁRIO

Inaugura-se hoje na Câmara Municipal o Congresso do Professorado Primário.

A Batalha apresenta aos congressistas as suas saudações, afirmando a sua simpatia pela reunião magna do professorado primário sobre quem impende uma importante função social. Num país em que o analfabetismo predomina, numa percentagem que chega a ser sinistra, uma reunião como a que hoje se efectua constitui um acontecimento que de nenhum modo pode passar despercebido.

Tiveram os organizadores deste congresso o bom senso de não incluírem na ordem dos trabalhos unicamente questões de interesse de classe, mas também assuntos de carácter pedagógico. Não é a primeira vez que notamos esta atitude em reuniões magnas do professorado primário. Em congressos anteriormente realizados notámos também que esta classe se não preocupava apenas com os assuntos de carácter colectivo, ocupando-se sempre, e com cuidadosa atenção, das questões que se relacionam com a instrução popular. E' assim que uma classe se dignifica.

Isto não quer, evidentemente, dizer que as questões de interesse para a classe não tenham ou não mereçam importância. Têm-na e grande. Uma classe que não trata de si arrisca-se a ser espezinhada e escravizada. Na actual sociedade, a justiça não assiste a quem naturalmente a merece, mas a quem possui energia para a conquistar. Uma classe que se ignora a si mesma é uma classe condenada a sofrer todas as afrontas, todos os vexames, e todas as tiranias.

Durante bastante tempo as chamadas profissões liberais deram, a si mesmas, um espectáculo deplorável. Ao passo que a questão social originava inúmeros conflitos entre as classes trabalhadoras e as classes exploradas, as chamadas profissões liberais permaneciam num alheamento extranho, parecendo não darem pelo que se passava à sua volta.

Esse alheamento era-lhes prejudicial a ponto de as condenarem a ficar à margem da vida moderna. Actualmente, essa atitude já sofreu uma profunda modificação, embora, com pesar o acentuamos, elas ainda

não possuam a energia e a preparação sindical das outras classes trabalhadoras—energia e preparação que só se obtêm com a experiência de muitos anos de existência e de luta.

A União do Professorado Primário neste último tempo, e por culpa dos seus dirigentes, enveredou por uma tática que só lhe pode ser prejudicial, e tomou atitudes que de nenhuma maneira contribuíram para a prestigiar. Queremos referir-nos à tática que adoptou nas últimas falsificadas eleições para deputados e senadores. A União do Professorado Primário só tinha perante o acto eleitoral uma única atitude lógica a tomar: abster-se de intervir. Um organismo de classe não tem, nem pode, nem deve ter funções eleitorais. Desde que ele se meta nesse terreno perigoso prejudica os seus associados, compromete a classe a que pertence e afasta-se dos seus objectivos.

Os dirigentes da União do Professorado Primário não procederam assim e praticaram um erro—e um erro nefasto. A sua função não consiste em fabricar deputados, mas em tratar dos interesses da classe. E aqueles agravaram ainda mais o seu erro quando fizeram a aliança eleitoral com a odienta, a asquerosíssima, a anti-social União dos Interesses Económicos—aliança híbrida, inútil e desonrosa.

Oxalá que o professorado primário saiba no congresso que hoje se inicia marcar para o seu organismo uma orientação mais consentânea com os seus interesses—uma orientação que não permita práticas tão nocivas e atitudes tão lamentáveis como estas que acabamos de citar.

Suicidou-se o marido de Isadora Duncan

Sérgio Essénine foi encontrado morto no seu quarto de um hotel de Leninegrado. O poeta suicidara-se, cortando as veias e enforcando-se. Não se conhecem as razões do trágico e, porventura, alucinado gesto, pois apenas se encontrou sobre uma mesa um fragmento de poesia escrito com sangue.

Sérgio Essénine contava cerca de trinta anos de idade e era já um dos mais notáveis poetas russos. O seu espírito era muito irrequieto e impetuoso. Há uns três anos, Essénine casou-se com Isadora Duncan, quando esta famosa artista se encontrava em Moscú a fundar uma escola de dança.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Um embaixador de Abd-el-Krim em Paris

pretende negociar a paz

Encontra-se em Paris o sr. Gordon Canning, emissário, ou melhor e mais exacto, embaixador extraordinário do chefe do Estado rifenho junto do governo francês para negociar a paz entre os dois países.

O sr. Gordon Canning é portador das propostas de paz que Abd-el-Krim deseja oferecer, como consta da seguinte carta:

«Amersine, próximo de Ajdir: Em nome de Deus, misericórdia, louvores e saudações. Por esta carta ficarei sabendo que Nós, por vontade de Deus, autorizamos o seu portador a receber, em nosso nome, as condições que a França e a Espanha já ofereceram no mês de Julho do ano que decorre, as quais poderão servir de base às negociações de paz desde que Nôls dêmos a conhecer e a examinar, a fim de nós declararmos se deveremos aceitá-las ou recusá-las. E que a paz seja convosco. 16 Jomada 1344. Mohamed ben Abd el Krim Khatibi».

Esta carta nada mais é do que um memorandum diplomático, como esses que vulgarmente se redigem nas chancelarias, quando dois estados vivem em antagonismo. O Riff faz-se ouvir como nação virtualmente independente, oferecendo a paz como já ofereceu a guerra.

As condições referidas por Abd-el-Krim são sumariamente as seguintes:

Troca recíproca de prisioneiros e amnistia recíproca, plena e integral; autonomia administrativa e delimitação política do território rifenho; garantias policiais de ordem e segurança públicas; liberdade de comércio regulada pelos tratados internacionais em vigor; interdição do comércio de armas e munições; cessação imediata das hostilidades e ocupação pacífica pelos espanhóis de um ponto do litoral a determinar.

Segundo declarou o seu embaixador, Abd-el-Krim mostra-se de acordo com estas condições, mas deseja que as riquezas naturais do Riff sejam exploradas unicamente em proveito do Riff, sob o regime comercial de «porta-aberta» e de protecção a todas as iniciativas, donde quer que venham.

A ocupação de um ponto litoral pela Espanha apresenta muitos aspectos litigiosos. O Riff «deseja» a evacuação de Ajdir, Tetuão, Ceuta e Melilla, mas está pronto a «discutir». Finalmente, o Riff aceitará a autonomia desde que ela satisfaga as aspirações nacionais dos rifenhos, que significam a livre disposição da sua política.

O governo francês, sustentado por radicais e tolerado por socialistas, interprete, afinal, do imperialismo europeu, repudiou as sugestões do Riff e recusou-se a receber o embaixador rifenho.

Agora vai dispendir maiores somas na preparação e desencadeamento de uma nova ofensiva militar, julgando prestes o fatal aniquilamento da resistência rifenha. Já lá vai a crise dolorosa, a ameaça ágrica de derrota completa, pelas tribus aguçadas de Abd-el-Krim—que, então, igualmente se julgava vitorioso. Vai recender-se, passado o inverno, uma guerra bárbara, na qual há apenas uma chama de beleza no sentimento de independência do povo rifenho.

Notas & Comentários

Deficiências de organização

Escreve-nos o camarada Manuel Pedro, gráfcio do Pórtio, lamentando várias deficiências da organização central da capital do norte. Diversas vezes A Batalha tem recomendado ao operariado que aplique a sua melhor atenção nas nomeações que devem recair sobre as pessoas que constituam esses organismos. Com o nosso correspondente lamentamos também essas deficiências inevitáveis, em regra, devido à grande falta de elementos instruídos e esclarecidos sobre problemas económicos e sociais. Deve Manuel Pedro esforçar-se, como nós nos esforçamos, por atenuar os defeitos que aponta.

Intenções pacíficas

Informam-nos de que o sr. Pereira da Rosa, das forças vivas, se exercita cotidianamente no tiro à pistola, dentro dum baracão que existe no edifício do 9.º Século. Acha-mos bem. Na época que decorre deve cada um estar preparado para o que der e vier. Pode-se assegurar, portanto, que as intenções do orientador do 9.º Século são absolutamente pacíficas.

Uma descoberta

Conseguiu o Comércio do Pórtio descobrir que em Portugal as «substâncias alimentícias» baixaram 30, 40, 150 e até 200 % e os salários mantêm-se geralmente no mesmo pé ou deceram apenas 9 e 10 %, em redução número de classes». Sublinhamos propositadamente o mantem-se para bem frizar a originalidade ortográfica. E quanto à descoberta do jornal portuense, achamo-la maravilhosa. Admira-nos apenas que, estando tão altos os salários, os patrões vivam, comam bem e mandem fazer prédios luxuosos para habitação. Não percebemos...

A arte e os artistas

Abre amanhã para a imprensa e nos dias seguintes para o público, no Salão Bobone, a exposição de pintura de D. Maria Amélia de Magalhães Carneiro.

Os fargantes celebram a paz...

PARIS, 2. — Decoraram com o cerimonial do costume as recepções oficiais do Novo Ano.

O cardeal Cerretti, falando em nome do corpo diplomático, celebrou a obra de Locarno nos seguintes termos: «E' na França, mais do que em qualquer outra parte, e isto está a sua glória—que se encontraram os homens de boa vontade que foram os bons obreiros da paz, e é a um deles, de entre todos, a quem vou ao mesmo tempo que a vós, sr. presidente, os nossos melhores cumprimentos.»

O sr. Doumergue respondeu: «A França que no seu passado tudo tem feito para propagar os seus princípios que constituem hoje o direito comum dos povos, empenhar-se-há resolutamente em fazer prevalecer esta alta concepção das relações internacionais, de que depende a manutenção da paz.»

A França portuguesa-se

PARIS, 2.—A pitonisa francesa, madame Thebes, predisse para a França numerosas mudanças de gabinete, para o ano de 1926.

Quem foram os autores dos últimos atentados dinamitistas?

Sob a epígrafe «Legião Vermelha», publicava O Século de anteontem esta significativa notícia:

«Das esquadrões onde se encontravam reclusos, foram transferidos para a cadeia de Monsanto os «legionários vermelhos» há tempos remetidos ao tribunal. Apesar de todas as prevenções da polícia, o governo resolveu ordenar essa transferência para satisfazer o pedido do advogado dos presos. Há 5 dias apenas que, sob o maior segredo, a remoção foi efectuada e já os jornais têm ocasião de noticiar, com diferença de 2 dias, 2 atentados dinamitistas.

Tudo indica que vamos entrar num novo período de atentados pessoais e dinamitistas, de agitação e de terror. A polícia tem informações, que reputa seguras, de que novos grupos de «legionários» vão entrar em acção, para o que esperavam apenas que os seus «camaradas» presos saíssem da cadeia da polícia, e de que está preparada a evasão em massa de todos os presos agora transferidos para a cadeia do forte de Monsanto, que não oferece condições de segurança para a guarda de criminosos de tanta responsabilidade e audácia.

Quere isto dizer simplesmente o seguinte: a polícia não ficou satisfeita com a medida do governo. António Maria da Silva não consultou o «4.º» poder antes de ordenar a transferência dos presos para Monsanto.

A polícia entende que os presos não devem sair das esquadrões embora estejam pronunciados por delitos arquitetados por ela. O governo, que à face da lei devia ordenar o envio dos presos para o Limoeiro, desmerece neste momento a confiança do maior poder da República... só por ter parcialmente cumprido a lei.

Mas vamos a uma rápida análise ao comunicado da polícia inserto no seu órgão. Os dois atentados ocorridos nestes últimos dias são atribuídos à transferência dos presos para Monsanto. E' a polícia que o diz. E' a polícia que assegura que se, os presos estivessem de conserva nesses miseráveis «in-paces», feitos refens, esses atentados não se realizariam. E' a própria polícia a dizer-nos que se houvesse algum atentado enquanto estivessem presos nas esquadrões tais «legionários», eram estes que pagariam com a vida qualquer gesto dalgum exaltado. Acreditamos. A polícia, se se consummasse qualquer acto dinamitista, a pretexto de insubordinação de presos ou de outras patranhas, fustilaria aqueles inocentes que nada de comum podiam ter com os autores do referido acto! Já o sabemos. O que nunca fomos capazes de julgar foi a polícia com tão refinado descaramento para vir a público dizer: «enquanto os presos estiveram nas esquadrões não houve atentados porque nós fazíamos pagar com a vida deles qualquer acto violento!»

Temos agora em segunda análise a afirmação da polícia, de que vamos entrar num novo período de atentados pessoais e dinamitistas. Pelos precedentes da polícia, revelados ao público há tempos pelo sr. Damião dos Santos, adjunto da Polícia de Segurança do Estado, temos o direito de responsabilizar a polícia pelos dois atentados dinamitistas levados a efeito nos últimos dias. Depois, aquela corporação afirmou em público que a «Legião Vermelha» tinha sido exterminada até à quinta geração. Como apareceram agora novos «legionários»? Porque é que esses «legionários» só agora se lembraram de atentar contra a residência do Patriarcado, só agora planearam esses dois atentados que leva a polícia a prognosticar um novo período trágico? De duas uma: ou a polícia, para se ufanar dum exito hipotético veio para a imprensa mentir quando disse que a «Legião Vermelha» tinha sido liquidada, ou a polícia é a única autora dos atentados só para conseguir que o governo revogue uma decisão e os presos regressem às esquadrões! Não há aqui meios termos. Não pode haver aqui erradas interpretações depois da leitura da significativa notícia que acima inserimos.

Para reforçar o desejo da polícia, para levar o governo a arrepiar caminho insinuando-se que a cadeia de Monsanto «não tem condições de segurança para a guarda de criminosos de tanta responsabilidade». Querem melhor? Querem mais claramente definido o propósito da polícia?

Também nós afirmamos que os presos não estão bem em Monsanto! Também nós asseguramos que os presos, pronunciados não devem permanecer por mais tempo naquela prisão. E afirmamos essa grande verdade, e asseguramos esse incontestado axioma, não para dar razão à polícia, mas para lembrar ao governo que a situação dos presos continua a ser ilegal, continua a ser arbitrária. Todos os presos pronunciados são enviados para o Limoeiro e ali aguardam julgamento. Só depois de condenados a prisão correcional é que vão para Monsanto cumprir a pena. Apenas excepcionalmente têm sido removidos para ali presos preventivos quando a lotação do Limoeiro está excedida. Mas não é a polícia que regula esta transferência; não é o governo que determina a remoção dos presos. Lá está o director dos cadeias que não foi nomeado para outra coisa. Assim tem sido em todos os tempos. Só desde a criação do «quarto» poder da República—o policial—é que todos os direitos individuais são regulados pelos sanguinários desejos daquela odiosa corporação!

O CASO DO ANGOLA E METROPOLE

A demissão do juiz Pinto de Magalhães

O dr. sr. Pinto de Magalhães, que através das suas vontades do governo e das campanhas difamatórias dos grandes jornais de negócios vinha dirigindo as investigações referentes ao Banco de Angola e Metrópole, abandonou o seu lugar. A sua demissão foi motivada por várias desconsiderações que propostamente lhe fizeram para que ele se fosse embora.

O ofício que acompanhava o seu pedido de demissão é digno de ser reproduzido. Ei-lo:

Representando a nomeação de um juiz para dirigir as investigações no caso das notas de 500 escudos (tipo Vasco da Gama), embora possuidor de um nome digno, a todos os respeito, da consideração do país, no actual momento, o triunfo de uma campanha iniciada com fins inconfessáveis e que já são do domínio público pelo jornal *O Século*, e a demonstração de uma competência que a imprensa me atribui, sem que o governo tenha empregado qualquer meio para evitar, tenho a subida honra de enviar a V. Ex.º o inculco requerimento, considerando-me desde já desligado dos serviços de investigação.

Ainda do conhecimento a V. Ex.º de haver, neste momento, remetido a S. Ex.º o sr. ministro da Justiça igual ofício acompanhado de um requerimento a pedir a exoneração de juiz de Direito de 2.ª classe.

O dr. sr. Pinto de Magalhães concedeu ontem ao *Diário de Lisboa* uma curiosa entrevista onde se lêem algumas afirmações desasombradas. Entretanto, estamos convencidos, não disse nem a décima parte do que sabe.

Os peritos ingleses devem estar novamente em Lisboa no próximo dia 7, efectuando-se então o exame dos documentos do Instituto de Medicina Legal. A este exame assistirão, além dos referidos peritos e dos daquele estabelecimento, os srs. drs. Alves Ferreira e Pinto de Magalhães e o agente Pereira dos Santos.

Não deram ainda entrada nos cofres do Banco de Portugal as notas de 500 escudos da chapa 2 (Vasco da Gama) que se encontravam em circulação nas ilhas adjacentes e no Ultramar.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em "cauchê". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

O dia de Ano Novo nos hospitais

O director geral dos Hospitais Cíveis de Lisboa, dr. João Pais de Vasconcelos, determinou que no dia de Ano Novo fosse prorrogada até às 17 horas a visita aos doentes internados naqueles hospitais.

Pelo fiscal geral dos Hospitais Cíveis foi distribuída no dia 1 do corrente, pelas várias necessidades dos funcionários daqueles Hospitais, a quantia de 2.885\$50, importância esta autorizada, para esse fim, pelo director geral dr. sr. João Pais de Vasconcelos, que tão benéficamente quis comemorar o Ano Novo, minorando, dentro do possível, a situação dos que sofrem.

O mesmo senhor também no dia 1, mandou distribuir pelos doentes pobres internados nas enfermarias do Hospital de S. José, a quantia de 110\$00, produto de uma subscrição aberta entre os empregados da Companhia dos Tabacos e que foi enviada, para esse fim, à Liga dos Amigos dos Hospitais.

Coliseu dos Recreios ÚLTIMO DIA

Grande Companhia de Circo

A's 14 e meia
Grandiosa matiné
com todas as novidades e atracções
OTAGO BILL—O ELEFANTE
Os imponentes e ferozes
Tigres reais
apresentados na pista pelo domador Franchi

À NOITE
DESPEDIDA DA COMPANHIA
Récita de grande deslumbramento e sensação
ÚLTIMO DIA ÚLTIMO DIA

Amanhã — As duas órfãs

TEATRO GIMNASIO

Directão artística de GIL FERREIRA

HOJE

VIDA E DOÇURA

Peça de palpitante interesse

HOJE

4.º CONCERTO FAO

Uma renúncia pitoresca

LONDRES, 2.—Os jornais de Viena dizem que a renúncia do príncipe herdeiro da Roménia é devida a motivos românticos.

O «Daily Express» diz, porém, que as causas são políticas e devidas a profundas divergências com Bratiano, contra o qual o príncipe teria até chegado a conspirar.

«The Times» diz que a origem do conflito se encontra no contrato para a entrega de aviões «Fokker», tendo o príncipe tomado partido pelo ministro da guerra, contra o qual o governo se havia comprometido a entrar numa acção contraditória.

O novo príncipe herdeiro tem 5 anos de idade.

Ocorrências diversas

Depois de operado no Baneu do Hospital de São José, pelos drs. srs. José Paredes e Henrique Ruas, deu entrada, em estado grave, na enfermaria de São Francisco, Augusto Fernandes, de 28 anos, natural de Lisboa, trabalhador de bordo, morador no Beco da Lapa, 78, loja, que, à saída de um café na rua 1.º de Dezembro, se envolveu em desordem com outro indivíduo pelo qual foi agredido com duas facadas que o atingiram no lado esquerdo do torax e no braço esquerdo.

No posto da Cruz Vermelha do Calvario, foi pensada, recolhendo depois à enfermaria n.º 6 do Hospital de São José, onde ficou sob prisão, Maria dos Santos Graça, de 47 anos, natural de Oleiros, moradora na travessa Madre Silva, 18, à Calçada da Ajuda, e que ali se envolveu em desordem com outra mulher, sendo por esta agredida com uma paulada na cabeça.

Também ali foi pensado e recolheu a casa, Júlio Branco, de 33 anos, natural de Olhão e residente em Setúbal, marítimo, que caiu quando saltava para bordo de uma fragata fundeada na Junqueira, ficando contuso nas costas.

Na enfermaria n.º 2 do Hospital de Arroios, deu entrada Delfim Diogo da Silva, de 33 anos, natural de Fátima, bofeteador, residente na rua de São Mamede, 50, 1.º, esquerdo, que caiu pela escada da residência, fracturando o pé direito.

Na enfermaria de Santo Onofre do Hospital de São José, deu entrada José Pereira, de 44 anos, natural de Lisboa, residente no Dafundo, sergente da Bóia Agrícola, que caiu no Quarteiro dos Bombeiros Voluntários do Dafundo, fracturando uma perna.

Na enfermaria de São Francisco do Hospital de São José, recolheu Joaquim António da Silva, de 48 anos, canteiro, morador na rua de São João da Praça, 32, 3.º, que caiu na rua Morais Soares, fracturando uma perna.

Num auto da Cruz Vermelha, foi transportado ao Hospital de São José, onde, depois de pensado no Banco, recolheu a enfermaria de São Francisco, José Martins, de 35 anos, natural de Torres Vedras, residente em Queluz, que ante-ontem à tarde caiu do comboio na Damaia, fracturando as costelas e ficando com várias contusões pelo corpo.

No Banco do Hospital de São José, foram pensados e seguiram depois para casa, Emilia Maria de 43 anos, natural de Vila Franca de Xira, residente com um pontapé, ficando contusa na palmeira esquerda; Manuel Domingos Alves de 31 anos, natural de Gões, maquinista, morador na rua do Arco da Graça, 63, que foi agredido na rua da Mouraria, ficando ferido na cabeça; Bento Gil, de 28 anos, natural de Monte-o-Velho e residente na Estrada de Sacavem, Quinta do Grilo, trabalhador, que na mesma estrada foi agredido com uma paulada, ficando ferido na cabeça; Francisco Monteiro Barreto, de 24 anos, natural de Lisboa, electricista, residente no Bairro Clemente Vicente, 12, r-c, (Dafundo) que foi atingido pela chama produzida por um contacto de um fusível no Club dos Pátos, ficando queimado nas mãos e no rosto; Isaias Nunes Morgado, de 29 anos, natural de Aveiro, morador na Avenida da República, padaria, que caiu ao apressar-se de um carro eléctrico, em Benfica, ficando ferido na cabeça; Domingos dos Santos, de 46 anos, natural de Anadia, ferreiro, morador na estrada dos Namorados, 14, ao Calhariz de Benfica, que caiu de uma carroça na Azenhaga da Feiteira, fazendo uma luxação da clavícula esquerda; e José de Assunção Vicente, de 32 anos, natural de Lisboa, caixeiro, residente na travessa da Palma de Baixo, 1, loja, que caiu por uma ribanceira, próximo ao Alto de São João, ficando contuso no torax.

Deu entrada na Morgue António Lourenço Lapa, de 43 anos, casado, residente em Extremoz, o qual vindo há dias para Lisboa se hospedou na rua dos Correios, 120, e sentindo-se bastante aflito de uma doença que há tempos vinha sofrendo ingeriu, no dia 30 último, umas cápsulas de qualquer medicamento de que já vinha munido, falecendo no dia seguinte. A caixa, sem rótulo, que continha as cápsulas, foi apreendida pela polícia.

Depois do sinistro

Já foi ligada, provisoriamente, uma linha telefónica para Porto e Lisboa.

No incêndio foram alguns bombeiros feridos ligeiramente, que receberam curativo na ambulância da Cruz Amarela.

Como sempre, notou-se a princípio falta de água.

Os serviços de correio vão ficar, provisoriamente, instalados no edifício da Associação dos Artistas e do telegrapho numa dependência dos Paços do Concelho.

Só amanhã, 2, começará a ser distribuída a correspondência acumulada, contendo-se, também, proceder à expedição das malas para Lisboa e Porto.

As funestas consequências dum capricho camarário

Era fatal... Apoi a resolução da Câmara expulsando os bombeiros municipais em resposta a uma atitude muito digna e altivamente mantida, nós, nesta humilde tribuna, levantamos a nossa voz, perguntando à Câmara se ela poderia arcar com as tremendas responsabilidades de deixar uma cidade inteira às contingências dum incêndio.

Não fomos ouvidos, nem os excelsos vereadores se preocupam com as reclamações dum jornal proletário, acostumados, como estão, a receberem da parte dos outros jornais louvações que revoltam. Veja-se a a atitude subserviente, mantida, perante este melindroso assunto, pelos jornais locais e pelos correspondentes dos diários de Lisboa e Porto.

Não houve um único — um só que fosse! — que tivesse tido a ombridade e a coragem

Um pavoroso incêndio destruiu completamente o edifício dos Correios e Telégrafos de Coimbra

A pesar da heróica intervenção dos bombeiros voluntários o sinistro não conseguiu ser extinto — A Câmara municipal tem grandes responsabilidades no sucedido

COIMBRA, 1.—Hoje, cerca das 4 horas da madrugada, foi a cidade alarmada com repetidos toques de sinos em todas as torres das freguesias da cidade, dando o sinal de fogo. Tinha-se declarado um violentíssimo incêndio no edifício dos Serviços de Correios, Telégrafos e Telefones. O fogo, que a princípio apresentava um aspecto bastante benigno, pois parecia estar reduzido a uma pequena dependência do edifício irrompeu de súbito com indescritível violência, propagando-se com espantosa rapidez a todas as alas, deixando o prédio, no pequeno espaço de uma hora, completamente em chamas.

Devido, talvez, ao adiantado da hora, o material dos incêndios apresentou-se muito tempo depois de ter sido dado o sinal de alarme.

O ataque pecou por enormes deficiências, notando-se grandes falhas na unidade de comando, o que obsteu a que os esforços dos bombeiros fossem coroados do êxito que seria para desear.

Como se sabe, devido a um conflito suscitado entre a corporação dos bombeiros municipais e a Câmara, foram expulsos da corporação quase todos os seus componentes, ficando o serviço de incêndios entregue a uma escassa dezena de homens, alguns sem prática alguma, e à corporação dos bombeiros voluntários, que, embora valiosa, não tem contudo o pessoal necessário para sóbrio arrostar com todos os perigos da salvação pública.

O incêndio não foi extinto por culpa da Câmara

Podemos dizer, sem receio de dementado, que a falta de pessoal foi uma das principais causas do incêndio tonar as proporções que assumiu.

Tivemos ocasião de observar, e conhecemos muita mais gente, que o comandante dos municipais, sr. António Maria da Conceição, velho e experimentado bombeiro, tentou fazer um corte no intuito de localizar o incêndio, corte que se fosse levado a efeito salvaria pelo menos metade do edifício.

Tal trabalho não pôde ser executado, devido à inexistência de pessoal suficiente, pois todos os bombeiros disponíveis ocupavam os seus postos, qual deles o de maior responsabilidade.

Todos os bombeiros são dignos dos maiores elogios porque foram dum abnegação a toda a prova, não tendo a mínima responsabilidade nas consequências do sinistro.

Os prejuízos produzidos pelo incêndio são incalculáveis. Basta que digamos que além do prédio, que era enorme, ficaram completamente inutilizadas as redes telefónicas e telegráficas que ligavam o norte ao sul do país, bem como a maioria dos aparelhos telefónicos e telegráficos.

Os salvados recolheram ao edifício do Instituto Industrial, onde se encontra o pessoal trabalhando na normalização dos serviços de correio.

Depois do sinistro

Já foi ligada, provisoriamente, uma linha telefónica para Porto e Lisboa.

No incêndio foram alguns bombeiros feridos ligeiramente, que receberam curativo na ambulância da Cruz Amarela.

Como sempre, notou-se a princípio falta de água.

Os serviços de correio vão ficar, provisoriamente, instalados no edifício da Associação dos Artistas e do telegrapho numa dependência dos Paços do Concelho.

Só amanhã, 2, começará a ser distribuída a correspondência acumulada, contendo-se, também, proceder à expedição das malas para Lisboa e Porto.

As funestas consequências dum capricho camarário

Era fatal... Apoi a resolução da Câmara expulsando os bombeiros municipais em resposta a uma atitude muito digna e altivamente mantida, nós, nesta humilde tribuna, levantamos a nossa voz, perguntando à Câmara se ela poderia arcar com as tremendas responsabilidades de deixar uma cidade inteira às contingências dum incêndio.

Não fomos ouvidos, nem os excelsos vereadores se preocupam com as reclamações dum jornal proletário, acostumados, como estão, a receberem da parte dos outros jornais louvações que revoltam. Veja-se a a atitude subserviente, mantida, perante este melindroso assunto, pelos jornais locais e pelos correspondentes dos diários de Lisboa e Porto.

Não houve um único — um só que fosse! — que tivesse tido a ombridade e a coragem

A BATALHA

Um pavoroso incêndio destruiu completamente o edifício dos Correios e Telégrafos de Coimbra

A pesar da heróica intervenção dos bombeiros voluntários o sinistro não conseguiu ser extinto — A Câmara municipal tem grandes responsabilidades no sucedido

COIMBRA, 1.—Hoje, cerca das 4 horas da madrugada, foi a cidade alarmada com repetidos toques de sinos em todas as torres das freguesias da cidade, dando o sinal de fogo. Tinha-se declarado um violentíssimo incêndio no edifício dos Serviços de Correios, Telégrafos e Telefones. O fogo, que a princípio apresentava um aspecto bastante benigno, pois parecia estar reduzido a uma pequena dependência do edifício irrompeu de súbito com indescritível violência, propagando-se com espantosa rapidez a todas as alas, deixando o prédio, no pequeno espaço de uma hora, completamente em chamas.

Devido, talvez, ao adiantado da hora, o material dos incêndios apresentou-se muito tempo depois de ter sido dado o sinal de alarme.

O ataque pecou por enormes deficiências, notando-se grandes falhas na unidade de comando, o que obsteu a que os esforços dos bombeiros fossem coroados do êxito que seria para desear.

Como se sabe, devido a um conflito suscitado entre a corporação dos bombeiros municipais e a Câmara, foram expulsos da corporação quase todos os seus componentes, ficando o serviço de incêndios entregue a uma escassa dezena de homens, alguns sem prática alguma, e à corporação dos bombeiros voluntários, que, embora valiosa, não tem contudo o pessoal necessário para sóbrio arrostar com todos os perigos da salvação pública.

O incêndio não foi extinto por culpa da Câmara

Podemos dizer, sem receio de dementado, que a falta de pessoal foi uma das principais causas do incêndio tonar as proporções que assumiu.

Tivemos ocasião de observar, e conhecemos muita mais gente, que o comandante dos municipais, sr. António Maria da Conceição, velho e experimentado bombeiro, tentou fazer um corte no intuito de localizar o incêndio, corte que se fosse levado a efeito salvaria pelo menos metade do edifício.

Tal trabalho não pôde ser executado, devido à inexistência de pessoal suficiente, pois todos os bombeiros disponíveis ocupavam os seus postos, qual deles o de maior responsabilidade.

Todos os bombeiros são dignos dos maiores elogios porque foram dum abnegação a toda a prova, não tendo a mínima responsabilidade nas consequências do sinistro.

Os prejuízos produzidos pelo incêndio são incalculáveis. Basta que digamos que além do prédio, que era enorme, ficaram completamente inutilizadas as redes telefónicas e telegráficas que ligavam o norte ao sul do país, bem como a maioria dos aparelhos telefónicos e telegráficos.

Os salvados recolheram ao edifício do Instituto Industrial, onde se encontra o pessoal trabalhando na normalização dos serviços de correio.

Depois do sinistro

Já foi ligada, provisoriamente, uma linha telefónica para Porto e Lisboa.

No incêndio foram alguns bombeiros feridos ligeiramente, que receberam curativo na ambulância da Cruz Amarela.

Como sempre, notou-se a princípio falta de água.

Os serviços de correio vão ficar, provisoriamente, instalados no edifício da Associação dos Artistas e do telegrapho numa dependência dos Paços do Concelho.

Só amanhã, 2, começará a ser distribuída a correspondência acumulada, contendo-se, também, proceder à expedição das malas para Lisboa e Porto.

As funestas consequências dum capricho camarário

Era fatal... Apoi a resolução da Câmara expulsando os bombeiros municipais em resposta a uma atitude muito digna e altivamente mantida, nós, nesta humilde tribuna, levantamos a nossa voz, perguntando à Câmara se ela poderia arcar com as tremendas responsabilidades de deixar uma cidade inteira às contingências dum incêndio.

Não fomos ouvidos, nem os excelsos vereadores se preocupam com as reclamações dum jornal proletário, acostumados, como estão, a receberem da parte dos outros jornais louvações que revoltam. Veja-se a a atitude subserviente, mantida, perante este melindroso assunto, pelos jornais locais e pelos correspondentes dos diários de Lisboa e Porto.

Não houve um único — um só que fosse! — que tivesse tido a ombridade e a coragem

DESPORTOS TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Liga Operária de Desportos Atléticos

Desafios para hoje

2.ª Categoria: Rio-Seco-Lusitano no Campo Salésias, às 15 horas; árbitro, José Teixeira, do Boa-Hora. 3.ª Categoria—1.ª Série: Boa-Hora-Rio-Seco no C. Junqueira, às 11 horas, árbitro, António Carvalho do Triângulo. 3.ª Categoria—2.ª Série: Varinos-Andorinha no C. Salésias, às 11 horas, árbitro, João Machado Casalinho; Batalha-Vieirese no C. Salésias, às 13 horas, árbitro, Artur Pinto do Boa-Hora. 4.ª Categoria—1.ª Série: S. Moínhos-S. Santos no C. Junqueira, às 9 horas, árbitro, Jacinto Pereira do Triângulo. 4.ª Categoria—2.ª Série: Varinos-Vieirese no C. Salésias, às 9 horas, árbitro, António Rodrigues do Boa-Hora.

O «Halsingborg», consegue vencer o «F. C. do Porto» por 4-3

Uma grande tarde de futebol, a do Ano Novo, no Campo Grande. O Futebol Clube do Porto foi um adversário digno do «Halsingborg», praticando bom jogo, chegando por vezes a manifestar superioridade sobre o seu antagonista a pontos de parecer ficar finalmente vitorioso.

Foi-o quando na primeira parte esteve a ganhar por dois-um; e também na segunda, então começada com um empate, a duas bolas, quando a poucos minutos fez acusar o marcador o 3-2 a dar-nos a impressão que o campeão de Portugal infligiria a primeira derrota ao campeão nacional da Suécia.

Não conseguiu essa honra, empregando-se embora com afino, mas proporcionou aos jogadores suecos o ensejo de observarem que se pratica o futebol em Portugal, senão em condições de superioridade aos bons centros atléticos, entretanto com conhecimentos e valores que, bem dirigidos, disciplinados e com a indispensável preparação atlética, poderão amanhã vir a ser sérios competidores internacionais no jogo de associação.

Venceram, no último quarto de hora, os suecos, por mais inteligentes, melhor preparados e uma mais perfeita compreensão do jogo. Calmos, serenos, desimpugnados cada qual o papel que a sua colocação determina, forneceram uma formidável lição aos nossos jogadores que muito desejariam ver aproveitada.

Em menos de cinco minutos, quando toda a gente convencia estava que o F. C. do Porto sairia triunfante por 3-2, os homens do «Halsingborg», peritos atletas, construíram a vitória, instalando-se no meio campo do «Porto» e marcando rapidamente as duas bolas, que modificaram a sua situação de vencidos, para a de vencedores.

O «Porto» jogou bem. Lançou-se na luta com entusiasmo. Foram recebidos, quando entraram em campo, com ardorosos aplausos. O público da capital do norte não lhes dá maior, nem mais digna assistência moral que os militares de espectadores ao jogo, no Campo Grande. Foi digna, correcta e nobre, a atitude do público, avesso a regionalismos que depressim e diminuem o carácter colectivo dum povo que quer ser justo.

Jogando bem, como dissemos já, foram por momentos superiores. Sofrendo a primeira bola a oito minutos do começo, pouco tempo depois igualavam, para de seguida marcar novamente e manter, até quase ao final do primeiro tempo, o seu score. Notabiliza-se a linha avançada, relativamente bem auxiliada pelos companheiros de trás e observa-se um jogo equilibrado com jogadas emotivas nos dois terrenos. A poucos minutos do intervalo, os suecos empatam com a sua segunda bola e quando reconheço o jogo há dúvida sobre quem seja o vencedor.

Sempre e muito animados pelo público, que constantemente os aplaude, os jogadores do norte lançam-se no ataque e marcam logo de início a sua terceira bola, resultado que se firma, a pesar de um pequeno domínio do «Porto», até aos dez minutos do fim.

Coincide com o já costumeiro aviso, do último quarto de hora, pelo apito misterioso, a intensificação do ataque por parte dos suecos. Manifesta-se a sua vontade de vencer.

Os seus movimentos redobram de rapidez; o ardor com que lutam neste último espaço de tempo surpreende e tem beizeira. Em menos tempo do que se leva a descrever, o seu extremo direito marca as duas bolas, que originam o empate, a primeira, a da vitória, depois.

E o «Halsingborg» venceu. Não por chance que a não teve, muito ao contrário. Venceu pelo raciocínio, pela muita compreensão entre as suas linhas, pela sua esplêndida preparação atlética, finalmente, porque são, sem contestação alguma, superiores.

O campeão de Portugal não saiu diminuído no seu valor, da contenda. É um digno detentor do título e a sua exibição esteve à altura das suas possibilidades.

Com uma linha avançada que demonstra entender-se bem, salientando-se o trabalho do interior direito; com médios muito rasos, mais melhor o do centro e uma defesa onde brilha o seu guarda-redes, o conjunto pareceu-nos ser o mais completo que, nos últimos tempos, temos visto em grupos portugueses.

Perderam dignamente com um grupo que dispõe de melhor técnica e superior capacidade atlética. Suecos e portugueses foram dois adversários condignos e leais.

A arbitragem de Filido Nogueira muito feliz, com geral agrado.

Arbitros e jornalistas desportivos deplam-se: vencendo os jornalistas por 9-3

Foi sensacional o encontro em futebol entre os árbitros da A. F. de Lisboa e os jornalistas desportivos. Apesar da manifesta superioridade técnica, toda composta por jogadores de primeira categoria da divisão de Honra, a selecção dos jornalistas, em excelente forma e numa correctíssima exibição bateu o onze dos árbitros pelo esmagador número que traduz nitidamente o seu valor. Nove bolas dos jornalistas, contra três dos árbitros é prova eloquente do que afirmamos.

A arbitragem confiada ao conhecido sportman sr. Felix Bermudes, imparcialíssima, agradou sobretudo aos árbitros.

Hoje, em desafio-desforra, o Benfica contra os suecos

No Campo Grande, às 15 horas, o Benfica jogará com o Halsingborg o último desafio da série. Com uma disposta vontade de vencer, os «vermelhos», vão-se empregar a fundo na esperança de desmascarar a corrente geral da sua presente má forma.

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Rêclames

Realiza-se definitivamente no próximo domingo a grandiosa festa em honra dos Sindicatos do Pessoal do Exército e Marinha, Voz do Operário e dedicada a conceituados grupos de futebol. Pelos promotores actor Botelho do Amaral e suas filhas Fernanda e Irene Botelho será oferecida uma artística taça ao grupo mais votado.

No espectáculo tomam parte os distintos actores Constantino de Carvalho e Francisco Moreira.

—Esta tarde, às 3 horas, realiza o maestro Fão o 4.º concerto com a sua orquestra sinfónica, que executará o seguinte programa: 1.ª parte: Profetia do «Roi d'Is» Lalo, Violoncello, solo, prof. João Passos; In modo populari suite-Cesar Cui (1.ª audição em Portugal) 11) Allegro Moderato, 11) Moderato, 11) Vivace, ma non troppo, 2.ª parte: Terceira sinfonia (já maior) op. 90, J. Brahms a) Allegro con bris, b) Andante, e) Poco Allegretto, d) Allegro. 3.ª parte: «Le rouet d'Omphale», poema sinfónico, Oriente e ocidente, marcha de concerto, Saint-Saens.

—O entusiasmo do público pela nova revista «Foot-Ball», em cena no Maria Vitória, é tão extraordinário, que a maior parte das vezes os bilhetes esgotam-se muito antes de começarem as sessões.

Ora como hoje é domingo, é de bom conselho que o público se previna com tempo, na aquisição de lugares, para não ficar privado de ir ver o «Foot-Ball», a mais sensacional e admirável das revistas.

Notícias

Tem hoje no Chiado Terrasse lugar, em sessões consecutivas, desde as 14 horas à meia noite, as últimas exhibições dos soberbos «films» «A rodaz», 1.ª jornada, 5 partes, «film» moderno por Severin Mars. «Viagem ao Polo», «film» documentário em 4 partes, pelo capitão Klunischmidt. «Uma corrida em Kentucky», 6 partes, por Reginald Deuny. «Amanhã, estreia da 2.ª jornada de «A rodaz».

—Com a peça «A Taberna» restabeleceram-se brilhantemente as tradições do popularíssimo teatro Apolo, firmando-se mais ainda os reputados créditos da companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, de que faz parte a grande actriz Adeline Abranches, e criou-se, sobretudo, um esplêndido ambiente para as obras teatrais de emoção e de grandeza dramática, pondo no seu des-tacado lugar a figura notabilíssima d'actor inconfundível que é Alves da Cunha o qual, no desempenho do protagonista da peça, ao lado de Adeline, Berta de Bivar, Sacramento, Maria Isabel e Carlos de Oliveira, ascende, às maiores culminâncias de uma arte sublime que só a sua arte é capaz de realizar. Por isso mesmo, e porque o público não ignora nenhum destes factos, o Apolo se encerra todas as noites, repetindo-se hoje, novamente, «A Taberna».

—E' finalmente, hoje, que se despede do público do teatro Nacional, depois de uma reprise brilhantíssima que o público tão bem soube compreender, enchendo a elegante casa de espectáculos todas as noites, a emocinante peça de grande sensação «A Severa», do grande dramaturgo dr. sr. Julio Dantas e que, desta feita, teve um desempenho honrosíssimo para todos os intérpretes, nomeadamente para a sua protagonista, a illustre actriz Ester Leão.

E' hoje, finalmente, que se realiza a despedida da Grande Companhia de Circo, cuja brilhante temporada vai ficar memorável entre nós. Às 14.30 horas começa a grandiosa «matiné». Último espectáculo que a companhia dedica a crianças de Lisboa e o qual tomam parte Franchi com os seus tigres apresentados na pista, o elefante gigante e todas as restantes atracções.

A' noite é o adeus a Lisboa, e o que vai ser esse extraordinário espectáculo ninguem o pode prever, tais são as surpresas que todos os artistas preparam no desejo de deixarem o seu nome bem gravado no espirito do público que tanto os tem acarinhado.

Amanhã começa a série de espectáculos cinematográficos, estreando-se o grandioso drama histórico «As Duas Orfãs», que é uma maravilha de arte e sentimento.

—A opereta Os Gaviões de Jacinto Guerrero, o autor de «A Montaria», que tanto êxito obteve no S. Luis, tanto na primitiva como na reposição de ontem, tem esta noite em aquela teatro a sua última e definitiva representação nesta temporada. Peça de emoção pela música e pelo libretto, também por isto é trabalho para ser como o foi a «Flor do Tojo».

—A acção da opereta de Pablo Luna que está sendo ensaiada no S. Luis, «A Moca de Campanillas», decorre em Mércia e em San Sebastian. A tradução é de Acácio Antunes, Alberto Barbosa e Xavier de Magalhães.

ESPECTACULOS TEATRAIS

Nacional—Às 21—«A Severa».

S. Carlos—Às 21.30—«O Príncipe João».

Doliteama—Às 21.30—«Seguro de Vida».

Trindade—Às 21.35—«Cio Cio».

Cluniasio—Às 21.35—«Vida e Doçura».

A's 15—Concerto.

Epilo—Às 21.35—«A Taberna».

S. Luis—Às 21.35—«Flor do Tojo».

A's 15—Concerto

PAGEOL

Energico antiseptico urinario

Atua rapida
e radicalmente
Supprime as
micções dolorosas
Evita qualquer
complicação

O PAGÉOL

descongestiona e rejuvenesce os tecidos das vias urinarias restaurando-os por completo matando todos os microbios que neles habitam.

13 GRANDES PRIZES
nos Estabelecimentos Chateaux
PARIS



Conselho dum galo velho
a seu filho:
— Toma 'PAGEOL'.

Hypertrophia
da prostata
Phosphaturia
Apertos
da uretra
Albuminuria
Cystite
Blenorrhagia

Comunicados: 1.º 3 Dez 1912.

O que o operariado deve ler:

A's segundas-feiras
o Suplemento da
A BATALHA
Nos dias 1 e 15 de cada mês
a revista
RENOVAÇÃO
Todos os dias
o diário sindicalista
A BATALHA
Brevemente
o almanaque do
A BATALHA
PARA 1926

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta
de propaganda tem
dado lugar a que
nada hoje se con-
sumam em Portu-
gal, limas estran-
geiras, visto que
as limas nacio-
nais, isto que
da "Touca" da En-
presa de Limas
União, fabricam em
Portugal, são de
qualidade com as
melhores limas do
Mundo.
Experimentem, pois, as
nossas limas que
encontram a venda em
todos os bons esta-
bellecimentos de fer-
ragens do país.

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS
União Tópe Ferreira, Lda., fabricam em
Portugal, com a maior
qualidade, as
limas nacionais
Experimentem, pois, as
nossas limas que
encontram a venda em
todos os bons esta-
bellecimentos de fer-
ragens do país.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, lisos e me-
dias em cores lindíssimas, formatos
dos mais afamados fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano muito
elegante, só na
Cooperativa
A SOCIAL
Armazém e escritório: Rua Fer-
nandes da Fonseca, 25, 1.º

— ESTABELECIMENTOS —
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fon-
seca, 33

1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de
S. Bento, 74, 74-A
2.º Sucursal: — Rua do Corpo San-
to, 29
3.º Sucursal: — Rua do Arco Mar-
quês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS — Chapéu modelo
Jaurés (Exclusivo)

Lê o Suplemento de "A Batalha"

AOS MARCENEIROS

BAIXA DE PREÇOS
Vendas a dinheiro

Nogueira seca, serrada em 25-35-50-60. Casta-
nho seco, serrado, em 25-35-50-60. Freixo seco,
serrado em 25-35. Cedro, idem 25-35-50. Amieiro,
idem 25-35. Urmo idem 25-35-50. Mogno serrado
em 25-35-50. Macaranda, 7-20-25.

Preços módicos

Tabelhinha	25x2	apare.	8000
Thada, desde	25x2	apare.	8000
Guarnição greta	25x2	apare.	8000
Guarnição soco e grade	25x2	apare.	8000
Camalhas freijo p. guarda-pra- tas, desde	25x2	apare.	8000
Balaustras c/ 4-5-6-8-10, desde	25x2	apare.	8000
Macinetas c/ 1-2-3, desde	25x2	apare.	8000
Pés de amieiro c/ 5-10-12-15	25x2	apare.	8000
Colunas nogueira para guarda- pratas, desde	25x2	apare.	8000
Colunas amieiro para guarda- pratas, desde	25x2	apare.	8000
Talha completa para guarda-pra- tas e aparadores, desde	25x2	apare.	8000
Talha completa para toilettes (2 hastas ornato), desde	25x2	apare.	8000

60—Campo dos Mártires da Pátria—63

J. FERREIRA

ACABA

POR ESTES DIAS

A GRANDE LIQUIDAÇÃO DE FAZENDAS
DE Lã PARA FATOS E SOBRETUDO

Aproveitem

a ocasião de comprar casimiras por
menos de metade do preço, por mo-
tivo de dissolução de sociedade, em
todas as qualidades, padrões e cores.

VELUDOS DE Lã
para casacos de senhora
desde 20\$00

DONAS

Fabricantes de lençóis

Depósitos de venda ao povo

Em LISBOA:
Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

No PORTO:
Praça da Liberdade, 115.

Avenida dos Aliados, 1 e 5.

Rua Fernandes Tomás, 392-A.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

Mensuração

Aparece rapidamente seja qual
for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

Guerra aos chapéus concertados

Chapéus para homem a 20\$00

Mais de 1000 chapéus de variados formatos e
cores, acabados de receber para vender
ao público por conta do fabricante

OCAÇÃO ÚNICA!

No Armazém de Chapéus e Lençóis

R. dos Fanqueiros, 400-1.º

(junto à rua da Palma)

FRASCO: 2\$50

ÁTILA

O MAIS EFICAZ DESTRUIDOR
DOS PARASITAS

Esta loção de aroma suave
destrói a casca e evita a
queda do cabelo, não machuca a
pele nem a roupa, sendo portan-
to, o melhor produto do seu ge-
nero.

Modo de usar: Embeber no li-
quido um pedaço de algodão e
friccionar as partes atacadas, re-
petindo a operação até completo
extermínio dos parasitas.

A venda nas melhores casas.

FRASCO: 2\$50

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4136

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Pôrto, Coimbra, Braga, Algarve, Aien-
tejo, Ilhas, Brasil, India, Loanda,
Moçambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

PREIRE, NEM QUERE, PREPARANDO
DIRECTAMENTE aos fregueses pelos preços do
MAIS BARATO que é o que os agentes levam
a mais. FAÇAM seus pedidos directos para se-
rem bem servidos e rápidos a GRANDE FABRI-
CA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que
duram para sempre e letras esmaltadas para ruas,
estabelecimentos, etc., emblemas lindos e bara-
tos para Sport, clubes, modinhas para corridas
(artigos de Barba), Giletes mais baratos. Esto-
jos de metal branco com máquina e lâminas Gil-
ettes 5\$00. Navilhas, máquinas para cortar ca-
beço, máquinas de 4 rolos para as alfaias. Tesou-
ros finas superiores a 12\$00 que outros vendem a
10\$00 e canetas de tinta permanente com pena de
ouro a 4\$00, que os outros vendem pelo dobro.
canivetes, CARIMBOS, numeradores a tinta, a
repetem o número até 12 vezes, ditos para che-
ques a plicitor o número e com data, sólos em
branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e re-
peticões, sinetas para laço e roupa, etc., alu-
minas de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal
para sardinhas, lanchas de metal para jogar, cafés,
fábricas, etc. Essas lindas alfaias a Freire, em
aço e ouro com braço e monogramas, cutelos
importados de Portugal, chapas e letras para marcar
canivetes e preços, lâmpadas e instalações eléc-
tricas, isqueiros e pedras, etc., etc. UNICA na
Europa completa. — A. L. Freire, 138 a 184, R. do
Ouro — Telef. 2656 C. — Peçam a cobrança para
tudo lhe se receber.

"A Batalha" vende-se em todas
as tabacarias

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATA,
do Conde Barão, — Dúzia, \$40; 100, 2\$50
milheiro, 2\$500.

Largo do Conde Barão, 55

Grande desconto aos revendedores

Frio!! Frio!! Frio!!

PARA SENHORA

Vestidos em lã a principiar em 40\$00

Casacos a principiar em 60\$00

Enorme sortido em

CASACOS DE PELUCHE

por preços limitadíssimos

Bom sortimento de casacos

para criança

PARA HOMEM

Fazem-se fatos de bons cheviotes com

elegância e bom acabamento a prin-
cipiar em 225\$00

Grande sortido em

SOBRETUDOS

por preços sem competência

Os melhores capotes alen-
tejanos são os desta casa

CASA MARIPOSA

87-Rua dos Fanqueiros-91

(Próximo à rua dos Retrozeiros)

Milhares de curas

SE DEVEM AO

HERPETOL

Unicómedo eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi torturada por uma forte coceira.
Depois de ter usado várias pomadas e outros ingre-
dientes que os pais aconselhavam, resolveram con-
sultar o médico, o qual receitou um frasco de HER-
PETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irri-
tada, tornando a criança a um permanente coçar, logo
da primeiras aplicações do HERPETOL, sentiu-se sen-
sivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco
todas as manifestações haviam desaparecido.

E' recomendado em todos os casos de eczema
humido e seco, manchas, erupções, espinhas e emor-
duras de insectos.

A venda em todas as farmácias e R. da Prata, 237,
Lisboa, e na R. das Flores, 253, Pôrto.

Mensuração

UTERIN do DR. R. WOLFF,
de Berlim

E' um medicamento sem rival, visto
a sua infalibilidade na amenorria, isto
é, na falta, supressão ou irregularidade
da menstruação, bem como na Disme-
norria, menstruação difícil que sempre
vem acompanhada de náuseas e de có-
licas uterinas tão fortes, que obrigam a
recolher à cama durante 24 horas.

Um uso deste preparado sobreleva tudo
quanto, até hoje, tem aparecido em vir-
tude dos seus efeitos rápidos e certos.

Os incómodos próprios da falta de
menstruação, como: dor de cabeça,
vertigens, zumbidos nos ouvidos, sono-
lência, dores nos rins, etc., desapare-
cem passado pouco tempo com o uso
deste maravilhoso remédio, de compo-
sição inteiramente vegetal.

Tomar na devida atenção o prospecto
que acompanha cada exemplar, no
qual está indicada a forma de usar.

Preço: — Escudos 15\$00; pelo correio,
escudos 16\$00.

A venda no agente e depositário ge-
ral para Portugal e Colónias — Fernan-
do da Silva, 188, rua da Madalena, 190,
e na Farmácia Portugal, rua Augusta,
218, e no Pôrto, Farmácia Central, de
Salgado Lencart, rua de 31 de Janeiro,
203.

Ler a revista gráfica RENOVAÇÃO

Valério, Lopes & Ferreira, Lda

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para cadeiras,
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

64, R. DO AMPARO, 86—LISBOA — TELEF. 3930, N.º 1

gramas, 24443 11

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA ga-
rante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imedia-
tamente. Se economizar 55 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS
garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN-
SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famí-
lias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede -- Rua Garrett, 95
LISBOA

Sociedade Anónima

de Responsabilidade Limitada

DOENÇA E INVALIDEZ

Auto protector para evitar a infecção

de todas as doenças venéreas, Blenorrhagia, cancro e todas as doenças afilíticas. usem:

remédio alemão duma eficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apanhar
estas doenças.

Cada bixinha com as instruções de usar custa em Lisboa, 7\$00, e com caixinha de alumínio,
Esc. 16\$00. Para a cobrança, peçam a bixinha de amostra.

FARMACIA CUNHA Rua da Escola Politécnica, 16 e 18, LISBOA — Telefone Norte 4006.

Diferentes atitudes do comediante Mussolini, o salvador, à última hora, da burguesia aterrorizada

Perante a revolução russa

«Mussolini faz barulho com a sua prosa de sans-culotte, a preço, e apresenta as armas ao povo russo. É a guerra — assegura — que começa. É um vinte e quatro de maio alargado.

Vê-se porisso a tragédia russa nos pináculos da mais alta nobreza. «Desta vez, escreve Mussolini, a revolução tinha mágulos. Devia vencer. E triunfou. A revolução propagando-se das margens do Neva à cidade santa do Kremlin, triunfou completamente. Históricas jornadas, que iniciam uma era nova.

Os acontecimentos de Dalmine

Bem entendido que, a-pesar-desta sua política, a qual levanta já a desconfiança de alguns profetas entre os seus, Mussolini não renunciaria às poses... revolucionárias e aos programas que deverão justificar junto dos aventureiros que o financiam a sua capacidade para manobrar uma parte do proletariado, condenando assim esta parte a conservar-se num estado de perfeito isolamento, lógico e higiénico sobretudo neste momento do resto do proletariado organizado. Bonaparte o pequeno tinha destas veleidades e pela mesma razão de política reaccionária.

É deste tempo um episódio, que vamos recordar a este respeito, seja porque revela e comprova por quantas aparências enganosas andava ludibriado o proletariado, seja também porque temos aqui um sinal revelador do que era então o estado de espírito das massas e a audácia que acompanhava as suas iniciativas. Muitos recordam-se certamente da primeira ocupação das fábricas sucedida em Dalmine, perto de Bergamo, pelas massas operárias arregimentadas nas fileiras da «Unione del Lavoro».

Este facto não teve grande repercussão no país, quer pelo pequeno ambiente em que se desenvolveu a luta, quer pelo carácter político, isto é, nacional, que os seus dirigentes quiseram emprestar-lhe, enquanto os operários compreendiam, sobretudo, aquilo que havia de bom na luta, quer dizer a acção directa contra o patronato. Contudo, pôde-se levantar desconfianças à volta deste movimento e impedir que explosões espontâneas de solidariedade pessoal de circunstância da intervenção pessoal de Mussolini nesta agitação.

Isto não impede que a história registre o facto que este homem, enquanto no seu próprio ambiente levantava a desconfiança que temos visto, por outro lado dava-se ares desenvolvimentos de instigador de greves, contribuindo, não importa quais fossem os seus fins reservados, a popularizar um método de luta que deveria ter sido classificado (e era então, não hoje, infelizmente) de... «bolchevista». Um desses factos que em suma deviam servir mais tarde à pretensa justificação do extermínio proletário e do movimento sindical, não excluindo, hoje, a «Unione del Lavoro» que foi durante muito tempo o braço direito da política mussoliniana, e que se deveria purificar dando a Mussolini a maior parte dos seus dirigentes para fazer deles comandadores. E que fortuna que os tenhamos mantido a uma grande distância!

«Hoje as massas de Dalmine, escrevia o jornal pessoal de Mussolini em data de 20 de Março, têm num comício ratificado o seu direito à forma de agitação adoptada que todos conhecem, e vibraram à palavra impetuosa e incisiva de Benito Mussolini, o qual, conforme as declarações dos próprios operários, soube mostrar-se como sempre, o intérprete magnífico da renovada consciência operária».

E eis alguns pensamentos do discurso de Mussolini: «Vós não tendes podido provar pela brevidade do tempo e as condições de facto criadas pelos industriais, a capacidade de fazer, mas tendes provado a vossa vontade, e eu vos digo que estais no bom caminho, porque vos tendes libertado dos vossos protectores, tendes escolhido no vosso seio os homens que vos dirigem, e que vos representam, e a eles só tendes confiado o vosso direito... Digo-vos que o vosso gesto foi novo e digno, pelos motivos que o inspiraram, de simpatia. Pelos vossos direitos, que são equitativos e sacrosantos, estou convosco. Distingui sempre a massa que trabalha do partido que se arroga, não se sabe porque, o direito de querê-la representar. Tenho simpatias com todos os organismos operários, não excluindo a Confederação do Trabalho; mas sinto-me mais visinho da União Italiana do Trabalho».

Tais os pontos principais da cantilena mussoliniana. Palavras ouvidas, não há dúvida, mas o próprio Mussolini tinha-nos advertido no seu jornal que: Isto que conta não é o programa, mas o ponto de partida e o ponto de chegada.

Era o que todos compreendiam pelo que os seus bombásticos discursos eram tomados por aquilo que realmente eram: gases asfixiantes para aqueles que não sabiam conservar-se a distância.

(Do livro de A. Borghi, L'Italia tra due Crispi.

O operariado inglês ameaçado de uma ofensiva capitalista

Lavra grande inquietação entre os operários ingleses pelos preparativos do governo e do capitalismo, que visam a uma ofensiva, na próxima primavera, contra o movimento sindical. Aos grandes jornais foi pedido um sistematizado silêncio acerca da actividade desenvolvida na misteriosa organização de grupos de «amarelos» nos centros industriais mais importantes. Estes grupos denominam-se «comissões de segurança do abastecimento público». O Real Automóvel Clube, instituição desportiva da «primeira sociedade», procura também, de acordo com o governo, organizar «equipes» de automobilistas voluntários para o serviço de «salvação nacional», com o objectivo de inutilizar qualquer greve que se produza na indústria de transportes.

Enluqueceu, em Monsanto, um prêso, devido às agressões que sofreu da polícia

Protestámos aqui bastantes vezes contra a prolongada detenção de presos sem culpa formada em calabouços de esquadras. E fizemo-lo em nome dos nossos princípios de humanidade, daquela humanidade que só os irracionais, os perversos ou os caracanos não possuem. E acentuámos nos nossos protestos os prejuízos de toda a ordem que para os presos acarretava uma detenção tão prolongada e ilegal, fazendo ainda o triste mas verdadeiro presépio de que os calabouços das esquadras viessem a converter-se em sepulturas daqueles que lá estavam agilhoados. A tuberculose já inutilizou alguns a quem pouca ou nenhuma esperança pode restar duma vida verdadeiramente longa e outros, nunca voltarão a possuir a saúde que tinham à data de serem detidos.

Não esperávamos, porém, que os nossos tristes presépios fossem excedidos. Deuse ultimamente em Monsanto um acontecimento bastante doloroso que muito nos compunge e nos revolta: enluqueceu um prêso.

Há dias o operário metalúrgico António Ferreira perdeu o uso da razão. Essa tragédia nova foi-nos dada por um camarada de nossa confiança que a recebeu de pessoa autorizada e insuspeita: o enfermeiro Alegria, do mesmo forte, pessoa tanto mais insuspeita quanto é certo que já há tempos, neste jornal, a ele nos referimos em termos bastante ásperos — aqueles termos que empregamos quando verberamos qualquer iniquidade.

António Ferreira encontra-se, presentemente, na enfermaria de Monsanto, num estado deplorável. A loucura apoderou-se dele e lançou-o em tais actos de desespero, em tão violentas e frequentes alucinações, que foi necessário vestir-lhe um colete de forças. Em suas alucinações, António Ferreira grita, preso de grande, e indescritível pavor, que o querem matar. Essa ideia é a sua obsessão constante. Não pode faltar uma pessoa sem que uma grande temor o sacuda, sem que uma grande aflição o dilacere. Essa pessoa não pode ser outra senão o seu assassino. Não está próximo dele senão com um objectivo: arrancar-lhe a vida. E a garra da loucura de tal modo o subjugou, que se recusa a receber e a falar com as pessoas de sua família, incluindo sua própria mãe.

As razões porque tal acontece? António Ferreira esteve prêso, e em poder da polícia, ilegalmente, durante 7 meses. Esse longo período de encarceramento sofreu-o nos inabitáveis, nos horridos calabouços das esquadras. Muito tempo o conservaram isolado de toda a convivência, torturando-o sob o regime inquisitorial duma incomunicabilidade rigorosa e prolongadíssima. É verdade que lhe deram algumas tréguas e por vezes o puseram em convivência com outras pessoas. Sempre que se dava um interrogatório na incomunicabilidade do prêso via-se rodeado de polícias; de polícias que entravam no seu calabouço, empunhando sabres e cavalos marinhos, para o espantarem. E a maioria das bengaladas e sabradas que recebeu, atingiram-na na cabeça. Resultado: a mania da perseguição, a loucura, o colete de forças.

Notaram de certos os leitores a teimosia da polícia em não targar de mão os presos que ela, muito antes das denúncias na Boa Hora, tinha ilegalmente em seu poder. Essa teimosia levou-o a cavalgar a própria magistratura até que uma campanha vigorosa conseguiu, felizmente, pôr termo a esta iníqua situação.

Para que teimava a polícia em ter os presos ilegalmente nas esquadras?

A esta interrogação respondem eloquentemente os assassinos de Diamantino da Anunciação e de Domingos Pereira, os espantamentos de quasi todos os presos e a loucura, a loucura incurável que está possuído António Ferreira...

E digam agora que exageramos quando afirmamos que o crime, em Portugal, chama-se impunidade, quando envrega uma farda — a da polícia.

Secção Telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicato do Porto.—Recebemos vale do correio; os selos seguem amanhã.

O oitavo Congresso do Professorado Primário inaugura hoje os seus trabalhos

A União do Professorado Primário de Ensino Geral e Infantil realiza o seu oitavo Congresso ordinário e a sua reunião magna, em Lisboa, estando inscritos 400 congressistas.

A sessão inaugural realiza-se na Câmara Municipal de Lisboa, hoje, às 14 horas, com a assistência do presidente da República, ministro da Instrução, dr. Costa Cabral, dr. João Camões, senador Silva Barreto, dr. João de Barros, Tavares Ferreira, Alexandre Ferreira, deputados e outras individualidades que foram convidadas.

As outras sessões realizam-se amanhã e na terça-feira no ginásio do Liceu Camões. A Sociedade «A Voz do Operário» convidou os congressistas a visitarem a sua sede no dia 5, às 20 horas, a fim de lhes ser apresentado o seu plano pedagógico pelo seu dirigente professor sr. Raimundo Pereira. No final será oferecido aos congressistas um copo de água.

Todas as Companhias dos Caminhos de Ferro concederam aos congressistas o bonus de 50 % de desconto nas passagens, excepto a da Beira Alta.

Bando Precatório

Promovido pelo Club Recreativo Familiar, de Algués, realiza-se hoje um bando precatório a favor dos sinistrados de Espinho e Pedrouços, saindo da sede daquela colectividade, às 10 horas precisas.

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

Intensifica-se na Malásia a organização operária

A-pesar do terror inaugurado pelo governo holandês, após a importante greve ferroviária de 1923, contra a classe operária organizada da Malásia, esta continua a desenvolver a sua organização, despresando a lei promulgada contra as greves, e desafiando as prisões e as expulsões.

Assim, a Federação dos Ferrovias e dos Empregados dos Tramways já conta, presentemente, 14.000 membros, não obstante ter sido destruída violentamente pelas autoridades em 1923.

O Sindicato dos Marítimos e dos Trabalhadores dos Portos agrupa actualmente 4.000 membros, e publica um jornal A Ancora.

O Sindicato do Livro compõe-se de 15 secções, contando 3.500 membros. A Federação dos Trabalhadores de Transportes Automóveis conta 2.000 membros em todo o arquipélago.

O Sindicato dos Operários da Indústria do Açúcar, cuja existência é ilegal, em vista das dificuldades que tem a vencer, agrupa somente 1.000 operários.

O mesmo sucede com o Sindicato dos Mineiros, que tem apenas 700 associados. O Sindicato dos Trabalhadores dos hospitais tem 2.000 membros, e publica um órgão mensal.

Existe uma Federação Geral dos Sindicatos, à qual estão também aderentes o sindicato reformista dos professores (6.000 membros); o sindicato dos funcionários (4.000 membros); o sindicato dos empregados nas casas de penhores (3.000 membros); e outros pequenos sindicatos, como o dos vendedores de ópio, com o efectivo total de 3.000 membros.

O comité executivo desta Federação compõe-se de comunistas e de nacionalistas.

Os acontecimentos da China fizeram-se repercutir no arquipélago malaio, dando lugar a grandiosas manifestações de simpatia por parte dos operários e camponeses. Por outro lado, os estudantes de Java que vão cursar as escolas na Holanda, de volta ao seu país exercem uma grande influência revolucionária sobre o espírito dos intelectuais malaios.

Por isso a reacção, longe de afrouxar redobra nos seus ataques, atemorizada pelo desenvolvimento das ideias revolucionárias tendo prendido só no período «de Maio a Agosto findo pelo menos, 2.000 militantes.

Projectos de organização internacional nos países do Pacifico

Existem, presentemente, no Extremo Oriente três projectos de organização internacional dos trabalhadores, cada um com a sua feição especial, e que pretendem todos três realizar em separado no próximo ano de 1926 uma conferência dos operários dos países do Pacifico.

Uma dessas conferências é patrocinada pelo reformista japonês, Bundsk Susuki, que na Conferência do «Bureau» Internacional do Trabalho já entrou em negociações neste sentido com os representantes dos sindicatos da Índia. Segundo a opinião de Susuki, devem tomar parte na conferência os sindicatos do Japão, da China, do Sião, do Afeganistão, do Belucistão, da Pérsia, das Filipinas, das Indias, da Palestina e da Turquia. A outra conferência é de iniciativa do Conselho Sindical da Nova Gales do Sul (Austrália), que dirigiu um convite às organizações operárias da China, Japão, Canadá, Filipinas, Índia e Estados Unidos, para se reunirem no 1.º de Maio de 1926, a fim de serem discutidas as questões do Oceano Pacifico.

A terceira, segundo informa o jornal australiano Daily Standard, é convocada pela Comissão Executiva do partido operário australiano, para se realizar em Honolulu, em Novembro de 1926.

Para esta conferência serão convidados todas as organizações operárias dos países do Oceano Pacifico que combatem pela manutenção da Paz.

CONFERÊNCIAS

‘O socialismo’, pelo dr. sr. Ramada Curto

Depois de amanhã realiza-se, na Universidade Popular Portuguesa, a segunda conferência da série há pouco iniciada pelo dr. sr. José de Magalhães sobre doutrinas políticas-sociais contemporâneas.

É conferente o dr. sr. Ramada Curto, que dissertará sobre «Socialismo», devendo as duas conferências seguintes ser realizadas pelos srs. D. Tomás de Vilhena e dr. Hipólito Raposo, respectivamente sobre «Constitucionalismo» e «Integralismo».

‘Soluções práticas do problema da educação popular em Portugal’

Como anteriormente, a Associação de Classe de Empregados de Escritório propõe-se promover este ano uma série de conferências públicas para a qual conta já com a valiosa adesão de diversos conferencistas, professores, escritores, publicistas, etc. Esta nova série de conferências, que decerto obterá o mesmo acolhimento das precedentes, é iniciada pelo dr. sr. António Sérgio, que hoje realiza na sede daquela associação, rua da Madalena, 225, 1.ª, uma conferência com o tema: «Soluções práticas do problema de educação popular em Portugal». A entrada é pública.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa Económica Operária.—Para apreciar os actos do presidente da direcção e preenchimento de cargos vagos, reúne-se, pelas 14 horas de hoje, a assembleia geral extraordinária desta cooperativa.

FABRICA de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento GOARMON & C.ª Travessa do Corpo Santo, 17 a 19 — TELEF. C. 1244 — LISBOA —

PARA A HISTORIA...

Dois aspectos morais da greve dos tanoeiros de Gaia que os trabalhadores devem guardar como reliquia

Delegado que fomos da União dos Sindicatos Operários do Porto, durante três dias, aos tanoeiros em greve, poderíamos uma falta grande, não vir às colunas de A Batalha referir-nos a este grandioso movimento — pois que ele tomou características de uma moral elevada por parte dos tanoeiros em luta, o que é digno de mencionar para que justiça seja feita aos que de facto sabem ser revolucionários e para servir de exemplo e incentivo...

Como disse Tavares Adão, um movimento grevista de nove semanas, dada a capacidade resistiva de operariado na conjuntura actual, de acentuada crise, é alguma coisa de heróico — tendo mesmo o sacrifício máximo desse movimento, pois só dentro deste campo se pode classificar o enorme esforço dos tanoeiros! Sim! sacrifício máximo, tendo em atenção que polícias seriam os tanoeiros com salário feito para uma semana de luta sequer...

Porém para os tanoeiros alguma coisa havia de maior importância do que a necessidade de garantir o seu salário ameaçado: há muito que centenas de camaradas seus andavam sem trabalho devido ao regime de «torna-viagem» o que dia a dia colocava a indústria numa situação má — sem esperanças, portanto, de ocupação para toda a família tanoeira.

E foi assim que nasceu a greve — o movimento contra o «torna-viagem»... (a luta dos que tinham trabalho para que fosse distribuído por todos!)

Decorreram, porém, nove semanas e a greve tornava-se insolúvel: da parte dos grevistas uma resistência cada vez mais forte, e da parte do «inimigo», os ingleses «que todo lo mandam» neste país de crápula e desvergonha, um ataque feroz pelos serventários pretorianos que lhe foram postos às ordens...

Era a guerra — a luta medonha entre o trabalho e o capital! Entretanto, o movimento tinha de ter uma solução, ainda que não fosse a vitória dos grevistas, mesmo porque essa era impossível devido a razões de ordem burocrática dependentes do governo então em crise e do parlamento fechado... E o movimento foi suspenso, com tinha de ser, para em ocasião oportuna reanudar novamente.

Mas... nas prisões havia algumas dezenas de camaradas presos — e isso não podia continuar porque o «seu delito» estava ao abrigo da lei... e da consciência de todos, devendo portanto ser postos em liberdade.

Pois de contrário o movimento já mais cessaria.

E assim é que uma comissão de grevistas, delegados da U. S. O. e Federação, se entrevistou com as autoridades para estas ordenarem a abertura do sindicato fechado e a soltura dos tanoeiros presos assim como de Joaquim do Carmo, preso, quando era delegado da U. S. O. — para que o movimento fosse solucionado. E solucionou-se, embora temporariamente capitulando as autoridades ante a vontade forte do proletariado que soube impôr-se.

Dizemos acima que o movimento dos tanoeiros tem dois aspectos morais que o proletariado deve guardar como reliquia, e é bem certo: o primeiro, está no facto de os tanoeiros que tinham trabalho irem para a greve para que trabalho houvesse para todos os componentes da indústria — da qual andavam algumas centenas desempregados; e o segundo, na imposição às autoridades para que o sindicato fosse aberto e os presos soltos — visto que foi uma imposição à qual as autoridades cedem!

Como é confortante registar actos destes, e como será bom que os trabalhadores assim saibam afirmar-se sempre.

Adolfo FREITAS

A mania de prender!

Encontra-se prêso o operário manipulado de farinha José Duarte Baptista, sob a acusação de ter apudado a força da guarda republicana que dissolveu a manifestação ao parlamento.

As testemunhas são polícias e guardas republicanos.

É fácil de aquilatar da falsidade da acusação. Como se podia distinguir uma pessoa, dentre milhares? Trata-se de mais uma violência que só tem a justificativa o ódio que os mantenedores da ordem nutrem por todos os que trabalham. Não nos parece que uma sociedade castigando inocentes consiga por esse facto assegurar a sua existência. Não é o ódio que se vota à classe operária a melhor garantia de um futuro agradável para os que hoje predominam à custa da nossa vida e da nossa liberdade.

Captando os drusos pelo ar...

BEYROUT, 2.—O alto comissário De Jovenel, mandou espalhar uma proclamação por aeroplanos sobre o território druso, aconselhando-os a entregar as armas e a aceitar a paz.

CRISE DE TRABALHO

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Reúne amanhã, pelas 20 horas, o conselho de delegados deste organismo para tratar da crise de trabalho e outros assuntos.

Construção Civil

São convidados todos os operários da construção civil que se encontrem sem trabalho a comparecer amanhã, pelas 9 horas da manhã, na sede da Secção de Belém, rua Paulo da Gama.

Pintores de Construção Naval e Anexos

A comissão administrativa convida todos os seus associados que estão sem trabalho a comparecerem na sede do Sindicato todos os dias úteis, das 19 às 20 horas, a fim de inscreverem-se na lista dos sem trabalho, para efeitos de colocação.

LEIAM AMANHÃ O SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA

SUMÁRIO:

As deportações afrontam a nossa época e a nossa mentalidade, por Ferreira de Castro.

Intelectuais e manuais no proletariado nacional, por Rocha Maritins.

A iniciação vidreira em Portugal, por Alves de Freitas.

Trágico balanço do ano.

Ecos da semana.

A sindicalização dos trabalhadores do teatro.

Deus, por José Carlos de Sousa.

Falar é semear, por Abalos.

O que todos devem saber...

Chico, Zecas & C.ª

A colaboração do Suplemento semanal de A Batalha continua sendo absolutamente inédita.

SOLIDARIEDADE

Pró-José dos Santos

Realiza-se hoje no Salão de Festas da Construção Civil a grandiosa festa de solidariedade promovida por uma comissão de camaradas em auxílio de José dos Santos, pedreiro, que há bastante tempo se encontra impossibilitado de trabalhar, devido a uma pernalta doença.

Sobe à scena o apreciado drama social «O Consciente» que será desempenhado pelo Grupo Dramático 8 de Abril. A parte musical está a cargo da trupe Familiar Harmonia Musical Jazz-Band, sob a regência do maestro Horácio J. C. de Mendonça.

Os bilhetes podem serem procurados na Secção dos Pedreiros.

Em benefício de um camarada que já há alguns meses se debate com uma pernalta doença e promovido pela Secção Juvenil dos Manipuladores de Pão, realiza-se hoje um espectáculo no Salão de Festas da Construção Civil do Porto, representado pela Escola Dramática do mesmo sindicato, subindo à scena o drama em 3 actos «Scenas do Mundo» e finalizando com uma comédia de grande gargalhada. Abre-lhe o espectáculo um excelente grupo musical.

Pró João Marques

Para a festa que brevemente se realiza em auxílio do camarada João Marques, um grupo de guitarristas oferece o seu valioso concurso. Dos bilhetes que têm sido muito procurados, os restantes podem ser adquiridos na secção central das Juventudes ou na rua João de Barros, 8, r/c.

Declaramos o camarada António Vieira Fernandes ter recebido de uma queta abeto por Serafim Rodrigues e Alberto Silva a quantia de 46\$50.

Pirâmides que ressurgem

MEXICO, 2.—Está concluída a primeira parte dos trabalhos de escavação e restauração das pirâmides dos ardores desta capital, iniciados há vinte anos.

Uma simpática e humanitária festa

A favor das viúvas e órfãos dos bombeiros municipais

É já na próxima quinta-feira, como temos dito, que se realiza, no Coliseu dos Recreios, generosamente cedido pelo seu empresário sr. Ricardo Covões, o grandioso sarau, a favor das viúvas e órfãos de bombeiros municipais de Lisboa. O sarau deve revestir uma imponência invulgar, merecendo os elementos que nele tomam parte, contando-se entre eles os distintos amadores do Lisboa Ginásio Club e os mais notáveis artistas de todos os teatros da capital, havendo a destacar entre muitos outros a talentosa actriz Lucília Simões, que à festa emprestará o vigor dos seus notáveis doles artísticos.

Também despertarão entusiasmo os exercícios de ginástica, patinagem e jogo de pau, por sócios do L. C. C. danças artísticas pelo grupo infantil da mesma prestimosa instituição desportiva; o jogo da bola, pelos distintos equitadores srs. D. António e D. Daniel de Noronha (Paraty) e Emílio Mota; assalto de espada pelos ilustres atiradores srs. Montou Osório, dr. Américo Durão, etc.

Mas um dos números que mais irá fazer vibrar o público é a «suíte» de fados pela gentilíssima actriz Zulmira Miranda, acompanhada por 50 guitarristas. O gosto do nosso povo pelo fado, a dolente canção nacional, é uma garantia de quanto a popular e querida artista entusiasmará.

O espectáculo terminará certamente fora da hora normal, mas para comodidade do público, a Companhia Caris de Ferro, por cativante gentileza para com a comissão promotora da festa, estabelece, finda ela, carreiras para todos os pontos da cidade, a partir do Rossio e da Praça dos Restauradores.

Fica assim absolutamente garantido o transporte às pessoas que, residindo em pontos distantes, desejam assistir ao grandioso espectáculo.

A lotação da magestosa sala de espectáculos está quasi esgotada, já restando poucos bilhetes, os quais ainda podem ser requisitados no quartel de bombeiros da Avenida Presidente Wilson, das 12 às 17 horas, ou pelo telefone, Trindade 339.

Princípio de incêndio

Pelas 8,30, deu-se um curto circuito na instalação eléctrica, na residência do tenente da Armada sr. Jaime Correia Ciso, calçada do Sacramento, 14, 3.º, propagando-se o fogo a gaz derramado entre o forno e os vigamentos do tecto.

Compareceu pessoal e material do Corpo Municipal de Salvação Pública e dos Voluntários, sendo o fogo extinto com o emprego duma agulheira.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil.—Reúniu a assembleia geral que aprovou a alteração aos n.ºs 1.º e 2.º dos artigos 19 e 20 e elegu a nova comissão administrativa que ficou assim composta: Secretário geral, Carlos Maria Coelho; secretário administrativo, João Quêiroz, ficando os restantes membros da comissão administrativa a cargo das secções profissionais. Delegados à Federação: António Ferreira de Almeida e Daniel Francisco. Delegados à Câmara Sindical do Trabalho: António Braz, Guilherme Artibeiro e Alexandre de Assis. Comissão revisora de contas: José Alves de Sá, Artur dos Santos e José Aparício.

Secção dos Carpinteiros.—Reúniu em assembleia geral tendo resolvido ceder a sua assembleia para a festa do 9.º aniversário do Grupo Dramático Solidariedade Operária e elegu os corpos gerentes para 1926. Para a comissão administrativa foram eleitos: José Baptista, Máximo Ribeiro, Carlos das Neves, Guilherme Cipriano e António Mendes Costa. Comissão escolar: João Miranda e José Luís Guerra. Comité da Sede: Adriano Cordeiro. Conselho de Secções: Francisco A. Fernandes e Alberto Pereira. Secretários de assembleia geral: Alexandre Barata e António Manuel Vinhas. Os delegados ao Conselho Técnico foram reconduzidos.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Corticeira Nacional.—Pelas 13 horas precisas, para assunto importante. A comparência de todos os delegados é indispensável. A reunião realiza-se na sede da Federação, rua Manuel Fereiro, 5, 1.ª, Mude.

Manipuladores de Pão.—A comissão administrativa juntamente com a comissão revisora de contas da caixa e das últimas direcções, sendo indispensável a comparência do antigo tesoureiro. A reunião que se efectua pelas 15 horas, é para assuntos de inadiável resolução.

Grémio dos Artistas Teatrais.—Pelas 15 horas, a eleição dos corpos gerentes desta colectividade, que tomou este nome em virtude da reforma de estatutos da A. C. T. T.

Pede-se mais uma vez a todos os sócios que não faltar para que a eleição seja digna da assembleia e dos artistas em geral.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares.—O secretário, amanhã, pelas 18,30 horas.

Federação Mobiliária.—Conselho Federal.—Reúne na próxima terça-feira para continuação de trabalhos.

S. U. Mobiliária.—Reúne na próxima terça-feira em 2.ª convocação, com a ordem de trabalhos já publicada.

Funcionários do Município.—Para assunto urgente, reúnem-se amanhã, pelas 21 horas, na sua sede, a mesa da assembleia geral, a direcção e a comissão de melhoramentos.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos Estuadores.—Reúne depois de amanhã, pelas 20 horas, para nomeação dos corpos gerentes para o ano de 1926.

Operários Municipais.—Com a ordem dos trabalhos transatos, realiza-se amanhã, pelas 21 horas, a continuação da assembleia geral.

Compositores Tipográficos.—Para continuação dos trabalhos, amanhã, pelas 18,30 horas, a assembleia geral ordinária.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Federação dos Trabalhadores Rurais.—Conselho Federal.—Reúniu em 13 de Dezembro com a representação dos sindicatos de Évora, Alter do Chão, Sáfara, Cabeço de Vide, Sabor, Jromenha, Via Glória, Vila Boim, Turrighi, Beja, Pavia, Fronteira, Souzel, Cano, Extremoz, Aldega, Santo Aleixo e São Manços. Foi apreciado vários expedientes entre o qual uma circular de solidariedade para Faustino Brites, sendo tomado em consideração e resolvido abrir uma subscrição em auxílio do mesmo, em virtude da Federação não poder auxiliar devido ao seu estado financeiro não permitir. Foi recomposta a comissão administrativa em virtude do secretário geral pedir a demissão por motivo da sua vida particular, ficando a mesma assim constituída: Tiago José Varela, secretário geral; António Bilro, secretário adjunto; Joaquim José Candeira, secretário administrativo; Manuel Panassa, secretário arquívista; Inácio José Caetano, tesoureiro.

Foi também abordado o assunto do selo cota especial para as mulheres.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto.—Secção dos Manipuladores de Pão.—Previnem-se todos os camaradas de que por motivos de uma Conferência Inter-Sindical se realizar no dia 9 e 10 do corrente fica a velada social que esta secção levava a efeito no mesmo dia transferida para dia